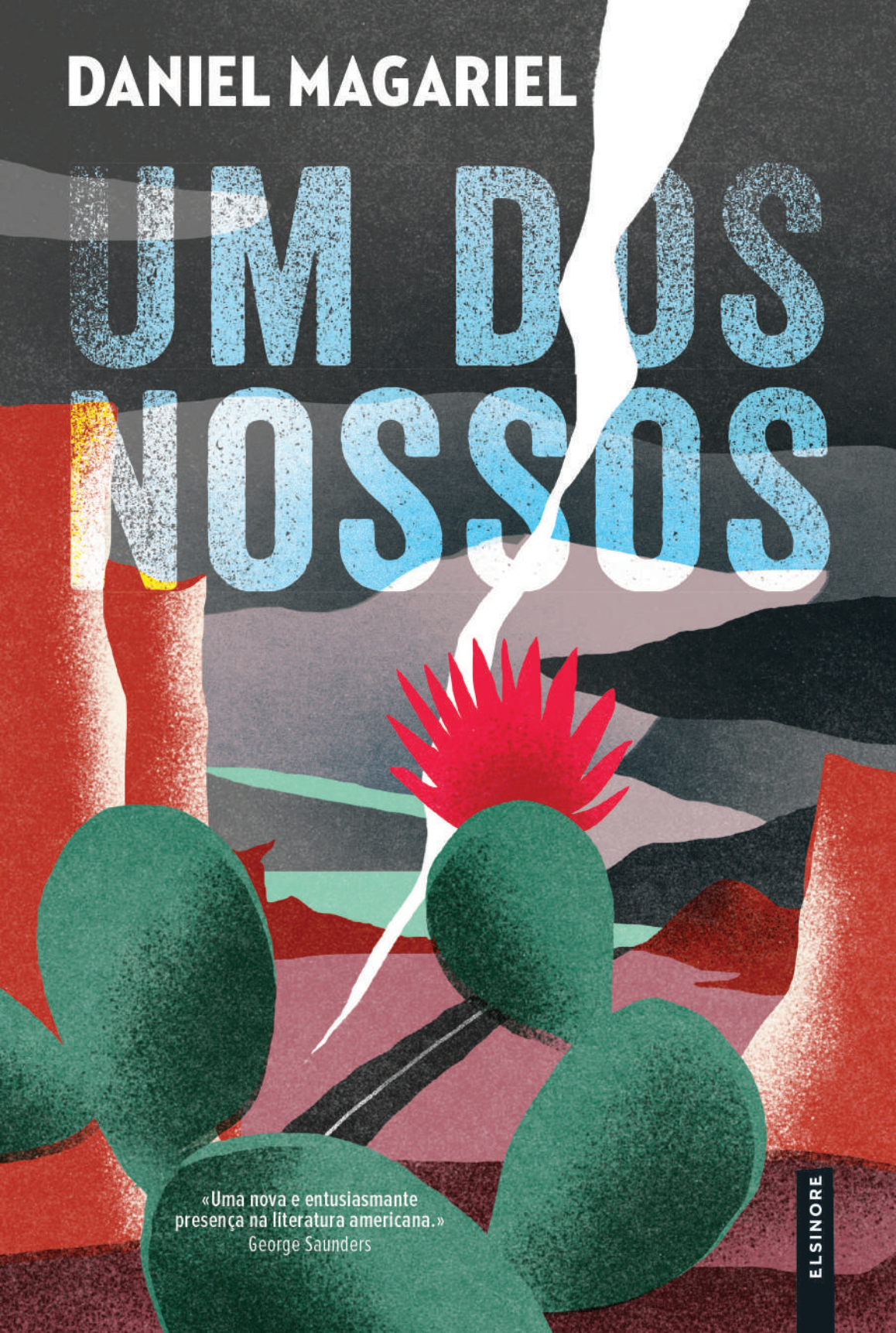


DANIEL MAGARIEL

UM DOS NOSSOS



«Uma nova e entusiasmante
presença na literatura americana.»
George Saunders

ELSINORE

Para a minha família

O meu pai desviava-se dos carros, acelerava, buzina. Pousei a cabeça na correia do cinto de segurança e tentei ignorar a velocidade a que ele conduzia, sem saber se tentava fugir da tempestade ou se estava apenas zangado comigo. A minha mãe e eu tínhamos discutido. Ela tinha-lhe telefonado a pedir para ele me ir buscar ao apartamento dela. Ele não gostava de ter de lidar com ela. Estávamos a meio do dia, primavera. Uma sombra alastrava-se pelos campos. Os corvos observavam, empoleirados nos fios elétricos. As sirenes de aviso uivavam.

— Deixa-me olhar para ti — disse ele. Passou o polegar pelo meu lóbulo da orelha. — Então?

Olhei para a estrada para o lembrar de que estava a conduzir.

— O que é que ela te contou? — perguntei.

— Respondes a uma pergunta com outra pergunta? Ela bem disse que estavas descontrolado.

— Mais nada?

— Porque é que estás tão corado? — perguntou ele.

Envergonhado, calei-me, fechado em mim mesmo. Ele sabia que eu tinha estado a chorar. Quando parámos em frente à casa, abri a porta. Ele disse-me para a fechar. Bati-a com demasiada força.

— Eu ia ao cinema — respondi. — Tinha feito planos.

— Antes do aviso do tornado?

Assenti.

Ele repetiu a pergunta.

— Sim, antes.

— Continua.

— Eu disse-lhe que ia sair, e ela bloqueou a porta, por isso, agarrei no telefone e corri para o meu quarto.

— Então hoje é que ela decidiu começar a ser mãe. — Soltou uma gargalhada descontrolada. — E ela tinha de te agarrar? — perguntou ele e quase não era uma pergunta. — Magoou-te?

Tentei lembrar-me. Ela tinha lutado comigo até me atirar para cima da cama. De repente, estava deitado de barriga para baixo. Ela torceu-me os dedos e tirou-me o telefone. Tentei empurrá-la. Foi então que a mão dela que segurava o telefone desceu sobre a minha cabeça. Passava agora os dedos pela zona dorida do meu crânio, carregando com força, a desejar a dor, a desejar que o alto fosse visível.

— Não sei — respondi. — Não.

— Ela bateu-te?

— Acho que não foi com intenção.

Ele puxou-me para si, pôs os braços à minha volta, deu-me palmadinhas nas costas ao ritmo dos limpa para-brisas. Foi um abraço estranho. O tipo de abraço que se dá a um estranho em sofrimento.

— Está tudo bem, filho — disse ele. — Está tudo bem.

— Sentou-me. O meu irmão mais velho estava de pé à frente do jipe, com as palmas voltadas para o céu, a encolher os ombros para se proteger da chuva que caía agora com mais força.

— Vamos para dentro.

O meu pai respeitava o direito à privacidade. Mesmo quando as portas dos nossos quartos estavam abertas, ele batia, esperava

para ser convidado a entrar. Ainda não sabíamos porque é que, às vezes, quando a porta do quarto dele estava fechada, ele não respondia. Desde a separação, tinha atribuído uma casa de banho a cada um de nós. A dele continuava a ser a principal, no andar de cima, a mesma que em tempos partilhara com a minha mãe. A do meu irmão, a casa de banho do corredor, ficava no mesmo piso que os nossos quartos. Para decidir quem ficava com ela, o nosso pai mediu a distância em passos: a porta do meu irmão ficava mais próxima do que a minha. Dois pisos abaixo, perto da cave, ficava a minha casa de banho. Só naquelas noites tardias em que, olhando pela janela do meu quarto, a ponta do cigarro a cintilar, o meu pai me acordava com um sussurro, «Sê os meus olhos», é que eu tinha permissão para usar a casa de banho do corredor e apenas porque ele tinha entrado no meu quarto sem perguntar.

Aqui, na minha casa de banho, o canal da meteorologia falava-nos a partir da televisão que havia na cave. O meu irmão olhou para as polaroides que estavam a revelar no lavatório. As sombras fantasmagóricas que assumiam a minha forma. Os meus olhos abatidos. O meu cabelo desgrenhado, que eu tinha despenteado mais ainda, a gola da camisa que tinha esticado para ter mau aspeto. O meu pai parecia desagradado.

— Estás com demasiado bom aspeto — disse ele. — Estavas em muito pior estado quando te fui buscar, não estavas?

A pergunta destinava-se a convencer o meu irmão.

— Sim — respondi.

— Talvez mais luz? — perguntou o meu irmão.

Trouxe o candeeiro da cave, ligou-o e inclinou o abajur para trás.

— Agora, filho, tenta mostrar como te sentiste quando ela te bateu.

O meu pai carregou no botão. Uma fotografia saiu da boca da máquina fotográfica. O meu irmão juntou-a ao monte. Esperou.

— O candeeiro ajudou? — perguntou o meu pai.

O meu irmão abanou a cabeça.

— Merda — foi a resposta do meu pai.

Sustive a respiração, mordi o lábio até sangrar e, depois, mordi com mais força.

Mais duas fotografias.

— O que é que achas? — perguntou o meu pai ao meu irmão.

— Há mais alguma coisa que possamos tentar?

— Maquilhagem? — sugeriu o meu irmão.

— Tens? — perguntou o meu pai.

— Lá em cima — respondi. — Ao lado das bonecas e dos tampões dele.

— Posso experimentar bater-lhe? — brincou o meu irmão.

— Talvez resulte.

O meu pai voltou-se para mim.

— O que te parece, filho?

O meu irmão começou a dizer qualquer coisa, que estava a brincar, mas o meu pai mandou-o calar-se. Eu tinha hesitado demasiado tempo.

— Pensei que querias vir connosco — disse-me o meu pai.

— E quero.

— Pensei que eras um dos nossos.

— E sou.

— Jura.

— Já jurei.

O meu pai pousou a máquina fotográfica.

— Porque é que não o obrigas a jurar? — Disse eu, apontando para o meu irmão.

— Porque tu é que contas tudo à tua mãe — respondeu ele.
— Por favor, faz o que ele manda — disse o meu irmão. — Jura.
— Podes ficar no Kansas — disse o meu pai. Deu meia-volta para sair da casa de banho. — Eu e o teu irmão vamos embora sem ti.

— Não, pai — disse o meu irmão.

— Está bem — respondi. — Eu juro. Outra vez.

O meu pai voltou a entrar na casa de banho e pegou na máquina fotográfica. Pousou as mãos nos meus ombros e rodou-me até estar de frente para ele.

— Fecha os olhos — disse ele.

Fechei-os.

— Quero que me ouças. Estás a ouvir? Quando nasceram, imediatamente a seguir ao parto, a vossa mãe não queria pegar em vocês, em nenhum dos dois. Passou-vos para as minhas mãos assim que o médico vos entregou. Eu nunca tinha visto nada assim. Quero dizer, que tipo de mãe é que não quer pegar no seu bebé? Eu consigo lidar com o facto de ela nunca ter sido uma boa mulher para mim. Mas ser a mãe terrível que foi para vocês? Isso atormentou-me durante anos. Não se lembram de como eu era quando eram pequenos? Antes da guerra? — «Guerra» era o termo que ele usava para se referir ao divórcio.
— Eu era um miúdo. Costumávamos brincar juntos, nós os três. Lembras-te? — Sim, pensei para mim mesmo, lembro-me. O meu irmão e eu estamos sentados na alcatifa a ver televisão quando, subitamente, ouvimos um rugido grave. Olhamos um para o outro. Não temos tempo para reagir. O meu coração dispara um instante antes de o meu pai se pôr de gatas e rastejar até à sala, a rugir. Subimos para cima dele, a trabalhar em conjunto para dominar a fera. — Lembras-te, filho?

—Sim.

Ele apertou-me os ombros.

— Isto vai pôr fim à guerra — disse ele. — Sem custódia. Sem pensão de alimentos. Isto vai libertar-nos. Vai deixar-nos livres para recomeçarmos as nossas vidas. Vais ver. No Novo México vou ser um miúdo outra vez. Vamos ser todos miúdos outra vez. Que achas? Não é o que queres?

Assenti.

Ouvi o meu pai a carregar a máquina fotográfica.

Senti o meu irmão a avançar para mim.

Ainda com os olhos fechados, juntei os pulsos atrás das costas. A fera foi vencida e está estendida na alcatifa. O meu irmão e eu estamos deitados em cima da barriga dele, voltados um para o outro. O cabelo do meu irmão é mais escuro do que o meu. A pele também. As cores dele denunciam uma aliança natural com o nosso pai. Têm os mesmos olhos sorridentes e sonolentos, que à luz do Sol ficam castanhos como vidro. Eu sou louro como a nossa mãe, com os seus olhos cor de avelã. No entanto, tenho as orelhas do meu pai, grandes como quando ele tinha a minha idade. Enquanto a fera respira, as nossas cabeças sobem e descem juntas, e, com um sorriso que roubou ao nosso pai, e que o nosso pai provavelmente roubou de um filme, os lábios do meu irmão revelam a fileira superior dos dentes como uma cortina que se abre lentamente. Abri os olhos. O braço do meu irmão estava puxado para trás, pronto para ser lançado. Eu não queria que ele me batesse. Não queria que ele tivesse de me bater.

— Espera — disse.

— O que é? — perguntou o meu pai.

Recompus a minha expressão de dor em frente ao espelho. Isto vai libertar-nos, disse a mim mesmo. Era o que eles precisavam

que eu fizesse. Com a mão direita, bati na minha bochecha direita. Bati na bochecha esquerda com a mão esquerda, depois outra vez, com mais força, alternando entre os lados, indo um pouco mais longe a cada vez, até ao ponto em que a minha cabeça se virava não do estremecimento, mas do golpe. Com a mão direita, com a esquerda, com a direita, com a esquerda. Virei-me para o meu pai.

— Agora — disse. — Tira-a agora. — Mostrei-lhe a minha bochecha. — Deste ângulo. — Com a direita, com a direita, com a direita. — Outra vez — repeti. — Outra. Tira outra.

O meu irmão tirou cada uma das fotografias da boca da máquina. O meu pai continuou a carregar no botão até este prender. Depois de as revelarmos, escolhemos cinco das polaroides para mostrar aos Serviços de Proteção de Menores.

Uma hora mais tarde, com a chuva a escorrer pela única janela, a cave tinha escurecido. Assistimos os três em silêncio à previsão meteorológica. A tempestade, que a princípio parecera uma ameoba a agitar-se pelo ecrã, tinha-se transformado em tiras imóveis de vermelho e cor de laranja, como se a imagem tivesse congelado ou como se a tempestade se tivesse tornado sedentária, uma nova formação terrestre a atravessar o Leste do Kansas. O meu pai estava curvado na cadeira, com os calcanhares dos sapatos presos no apoio para os pés. Preparava-se para saltar.

— Vamos caçar tornados — disse ele.

Conduzimos até à torre de água.

A escuridão avançava, não de leste, mas de oeste. Nas nuvens na parte da frente da tempestade, viam-se relâmpagos. Um enorme bando de pássaros rodopiou com o vento. O meu pai ofereceu uma recompensa ao primeiro que detetasse o tornado. Ficámos ali algum tempo, de olhos bem abertos, a estudar atentamente

o horizonte. Mas não vimos nada e acabámos por ir embora. Em casa, a nossa cerca tinha sido arrancada do chão. Quando o meu pai viu o estrago, riu-se e disse:

— Parece que era a tempestade que nos estava a caçar.
— E depois de nos mudarmos para o Novo México, ele falava disto sempre que alguma coisa resultava e, também, quando não resultava.

DOIS

Eu e o meu irmão estávamos no parque atrás do nosso apartamento, a perseguir lagartos no meio dos arbustos. Tínhamos vendido a casa no Kansas e mudado para Albuquerque. Tínhamos conduzido até lá no jipe. O meu pai tinha guiado durante 16 horas seguidas, à exceção de uma parte no Oklahoma em que o meu irmão pegou no volante. Como o meu irmão ia entrar na escola secundária dentro de poucas semanas, o nosso pai achou que era uma boa altura para ele aprender a conduzir numa autoestrada. Eu ia apenas para o sétimo ano, mas já tinha começado a estudar a forma como o meu pai usava a embraiagem. Ia surpreendê-lo quando ele decidisse que tinha chegado a minha vez de aprender.

O camião das mudanças tinha chegado um dia depois de nós e eu e o meu irmão tínhamos desencaixotado as coisas do quarto do nosso pai antes de desencaixotarmos as do nosso: o primeiro quarto que partilhávamos. Também tinha tratado da cozinha: limpei os armários, abasteci a despensa, escolhi um lugar para cada coisa. O meu irmão tinha arranjado o escritório, separando-o da sala com biombos. O meu pai era consultor financeiro. Nunca tinha trabalhado a partir de casa. Mas ainda tinha o *grande cliente* no Kansas, que nos ia manter *fora do vermelho* até ele conseguir angariar clientes suficientes para que se justificasse arrendar um espaço próprio.

O meu pai gritou da janela.

Corremos para o andar de cima.

Lá dentro, ele estava em bóxeres, acabado de sair do duche.

— Ponham-me *Nivea* — disse ele.

O nosso trabalho era espalhar-lhe loção no corpo todo.

O meu irmão escolheu a parte de cima. Eu fiquei com as pernas e pés.

Era assim que ele era, o nosso pai. A televisão no quarto dele e a cafeteira na cozinha estavam equipadas com temporizadores para ligar e desligar, como se se sentisse reconfortado por haver alguém ou algo a cuidar dele constantemente.

Quando terminámos, disse-nos que íamos dar uma volta de carro.

— Onde vamos? — perguntei.

— Entrem, *cowboys* — disse ele.

Conduzimos para norte, ao longo do sopé das colinas. O meu irmão ia no lugar do pendura. Do banco traseiro, olhei fixamente para as montanhas feias. As Sandias não eram as enormes rochas despidas que eu imaginara. Tinha sido uma desilusão descobri-las cobertas de vegetação rasteira e catos. O meu pai virou para leste, na direção das montanhas. Estávamos a subir. Virei-me. Pela montanha abaixo, vi o arroio a desaguar no Rio Grande e, ao longe, para lá da sombra da montanha, que encolhia, a terra era lisa e branca como papel.

— Vamos arejar isto — disse o meu pai.

Abrimos as janelas.

Do outro lado de Sandia Peak, ao longo de uma via rápida, no outro extremo da nossa pequena cidade, encontrámos uma pequena casa rústica. O parque de estacionamento estava cheio de motas, cerca de 20, muito bem alinhadas, como cigarros num maço acabado de abrir.

— Aqui estamos, rapazes — disse o meu pai quando estacionou. — Um verdadeiro bar de *motards*.

— Uau — exclamei.

— Fixe — disse o meu irmão.

Ninguém reparou quando entrámos, mas eu fingi que sim. Prestei especial atenção ao estalido das solas do meu pai no soalho. Na semana anterior, numa pausa de desfazermos as malas, o meu pai levou-nos à Western Store, onde comprou o seu primeiro par de botas de *cowboy*. Agora atrás dele, eu caminhava com passos firmes. Estamos com ele, pensei.

— Vou buscar bebidas para nós — disse ele.

— Eu vou contigo — respondi.

Ele agarrou-me no ombro.

— Fica aqui.

O meu irmão e eu sentámo-nos a uma mesa e observámos a sala. Empoleiradas nos bancos do bar, algumas pessoas viam um jogo de basebol num televisor de canto. Uma mulher de saia curta debruçou-se sobre a mesa de *snooker* e apontou o taco. Quase todos fumavam, bebiam de garrafas ou de copos baixos. Sentado no bar, o meu pai tinha metido conversa com um homem. O nosso pai orgulhava-se da sua capacidade de se deslocar facilmente entre cenários diferentes. *Mobilidade social*, como lhe chamava. Levantou-se e foi à casa de banho. Alguns segundos mais tarde, o homem com quem estava a falar seguiu-o. Decidi ficar alerta até o ver voltar a sair em segurança.

— Achas que ele nos vai deixar pedir uma cerveja? — disse o meu irmão.

— Pergunta-lhe — desafiei-o.

Olhei para os pelos que lhe cresciam por cima do lábio superior.

— Para onde é que estás a olhar? — perguntou ele.

— É só que — ri-me — pareces um mexicano.

O meu pai pousou as nossas bebidas.

— Uma *Bud*, um *Roy Rogers* e uma *root beer*. O empregado do bar diz que só me serve uma rodada, diz que não posso trazer crianças para aqui. — Olhei por cima do ombro do meu pai. O empregado do bar estava a apontar para nós e a falar com alguns clientes. O meu pai bateu com o polegar no peito. — Os meus filhos, cara-lho — disse em voz baixa.

Engoliu a cerveja de um gole, terminando-a. Limpou o bigode com o polegar e o indicador. Depois endireitou-se, aproximou-se mais e debruçou-se sobre a mesa. Às vezes, a energia dele mudava de um momento para o outro.

— Sabem que eu tenho um sonho recorrente, não sabem? Em que estou preso numa prisão espanhola? Eles batem-me e chicoteiam-me, ameaçam crucificar-me.

Nós assentimos.

— E sabem que fiz muita investigação acerca da nossa família, mesmo muita, e que tracei as nossas origens até Espanha. Ainda acredito, acredito mesmo, que somos de ascendência espanhola. — Fez uma pausa e pensou no que dizer a seguir. — Bem, há uma coisa em que quero que pensem, que reflitam, não têm de decidir agora. Não vos quero ofender. Não há nada de errado com quem são. Mas acho que há algo que podemos fazer para tornar a nossa transição para este lugar mais fácil, muito mais fácil.

— Desembucha — disse eu.

Ele sorriu, abriu um dos seus charutos com a ponta de plástico e acendeu-o.

— O que eu quero, aliás, o que estou a sugerir, é que mudemos a pronúncia do nosso nome para soar mais espanhol. Se pensarmos bem, metade da minha família pronunciava-o de uma maneira e a outra metade de outra maneira, portanto, que mal faz? Quem é que sabe ao certo, não é?

— Para o que é que podíamos mudá-lo? — perguntou o meu irmão.

O meu pai gritou para o empregado do bar:

— Amigo, tem uma caneta?

O empregado demorou algum tempo a trazer-nos uma caneta.

— É mexicano?

— Americano.

— No entanto, fala espanhol — disse o meu pai, escrevendo o nosso sobrenome num guardanapo e depois virando-o para lho mostrar. — Como é que pronuncia isto?

O nome saiu da boca do empregado de bar.

— Não é bonito? — perguntou-nos o meu pai.

— Mais alguma coisa? — perguntou o empregado.

O meu pai não respondeu, mantendo o olhar sardónico nos filhos.

— E que tal mais uma *Bud*? — perguntou por fim.

O empregado riu-se, demorou-se mais um pouco e acabou por afastar-se.

— Então — disse o meu pai —, o que é que acham?

Eu tinha adorado o som líquido do nosso nome ao ser pronunciado pelo empregado do bar. Ainda assim, a ideia parecia-me forçada. Não era realmente necessário, pois não? Pensava que já tínhamos recomeçado as nossas vidas.

— É um bocado estranho — respondi.

— Estranho como? — perguntou o meu pai.

— Bem, usamos o mesmo sobrenome há tanto tempo que pode ser difícil lembrarmo-nos. Tipo, na escola, se nos esquecermos e usarmos o nosso nome antigo?

Ele virou-se para o meu irmão.

— O meu mais novo gosta muito de se preocupar com pen-telhos, não é?

— Eu não acho que seja estranho — respondeu o meu irmão —, mas vai ser preciso adaptarmo-nos a isso.

— Tudo o que estamos a fazer exige adaptação — disse o meu pai. — Ouçam, sempre me considere um homem de rotinas, não de conveniências. As rotinas podem ser mudadas. É só preciso um bocadinho de força de vontade. Por mim, que se mude a nossa rotina. Vamos mudar o nosso nome. Podemos ser quem quisermos, neste sítio. Podemos ser pessoas novas. — Respirou fundo e abrandou. Perguntou-me: — Quem é que queres ser, filho?

Pareceu-me uma pergunta difícil. Eu não sabia responder.

— Céus, deixa-me pôr isto noutros termos. Porque é que decidiram vir para Albuquerque?

— Para estar com vocês — disse o meu irmão.

— Eu também — acrescentei.

— Tens graça — disse-me o meu pai. — Sempre a fazer o mesmo que o teu irmão.

— E porque é que tu decidiste vir? — perguntei bruscamente, defendendo-me.

— Cuidado — avisou ele. Mas era a pergunta que ele queria que um de nós fizesse. — Não sei bem se vão entender — disse. —, tanto um como o outro. Ainda são muito novos. Mas, bem, quando eu era novo, mudei-me para o Arizona. Viajei por todo o Sudoeste: Santa Fé, as Rockies, Sul do Utah, até pelo México. Havia qualquer coisa de especial nesta zona, alguma coisa no pôr

do Sol, nas montanhas, nas pessoas. O estilo de vida dos índios. Chamo-lhe o espírito. Acho que estou a regressar a um dos períodos mais felizes da minha vida. Estou aqui para voltar a encontrar o espírito. Confiem em mim — implorou subitamente. — Confiem em mim. Podemos recomeçar aqui. Temos a oportunidade de começar de novo. Podemos libertar-nos do passado. Mas primeiro, esse filho da puta tem de ser enterrado.

O empregado do bar voltou e recolheu os nossos copos. Eu ainda não tinha terminado.

O meu pai irritou-se com a interrupção. Tirou um menu gorduroso debaixo do suporte de guardanapos e perguntou se serviam comida.

— O que dizem, rapazes? — perguntou-nos o meu pai antes que o empregado tivesse tempo de responder. — Paparoca?

— Está na altura de irem andando — disse o empregado. — Eu avisei que não vos ia servir mais nada.

— Ah, sim? Então, porquê? — perguntou-lhe o meu pai. — Porque é que não explica a estes rapazes porque é que não podem comer? Ou porque é que insiste em desrespeitar o pai deles à sua frente?

— Porque é que não explica você? — respondeu o empregado. — Diga-lhes o que é que veio aqui fazer. — Virou-se para nós. — Melhor ainda, olhem para a maneira como o vosso velhote está a morder a ponta do charuto. Daqui a nada, está a mastigá-la.

O meu pai tinha sempre uma resposta pronta na ponta da língua. Mas, agora, tinha-se calado, tirado o charuto da boca e escondido a ponta. Parecia não saber o que fazer com nenhuma parte do seu corpo. Porque é que estava tão incomodado? Do que é que estava à espera? Custava-me vê-lo assim. Senti-me frustrado com o silêncio dele, furioso por estas pessoas acharem

que nós não pertencíamos a este sítio. Pertencíamos. Estávamos aqui — os três.

Virei-me para o empregado.

— Quero uma *Bud* — disse.

O meu pai ergueu o olhar.

— Uma *Bud* para mim também — disse o meu irmão, seguindo a minha deixa.

O meu pai sorriu ao desviar o olhar de nós para o empregado.

— Três — disse.

— Desapareçam, caralho — disse o empregado. — Os três.

No caminho para o carro, o nosso pai pôs os braços à nossa volta.

— O que me dizem? — perguntou.

— Está bem — disse o meu irmão. — Vamos enterrar esse filho da puta.

Ri-me com o uso oportunista do palavrão.

— Então e tu, risinhos? — perguntou-me o meu pai.

— Vamos enterrar essa cabra — respondi. Quando a palavra saiu da minha boca, percebi ao que soava. Não estava a referir-me especificamente à minha mãe. Só estava a tentar ter piada, praguejar como o meu irmão tinha feito.

— Enterrar a cabra. — O meu pai deu uma gargalhada. — Adoro. — Virou-se para o meu irmão. — Enterrar a cabra? Vês? Eu disse-te. Não te disse? Eu sabia que o teu irmão havia de cair em si. — O meu pai apertou-me o ombro. — É o que ela merece por se meter connosco.

Num pátio, no centro da pequena cidade, encontrámos a música. Sentámo-nos na beira de uma fonte manchada de tinta. Um homem dedilhava numa guitarra. O meu pai comprou-lhe o CD. Os caçadores de sonhos pendurados ao lado de cruzeiros em

portas queimadas pelo sol, os arcos de estuque gasto, o cheiro de malaguetas penduradas a secar, o pó, antigo e a cobrir tudo — pensei no meu pai aqui, anos mais novo, com uma vida mais feliz e mais simples.

Parámos nas lojas para olhar para mantas, quadros, cerâmica. Havia lobos, luas, lagartos, gatos, tons de laranja, amarelo e castanho, a geometria rígida do barro. Falámos na nossa nova casa sem nunca mencionarmos a antiga.

O meu pai disse-nos para escolhermos algo para o apartamento.

— O que é que vais comprar? — perguntei-lhe.

Mostrou-me uma escultura de uma mulher em perfil, esculpida em alabastro, com pouco mais de meio metro de altura. Estava encastrada na pedra avermelhada, com as marcas mais fundas a revelarem o centro cinzento-claro do alabastro. O cabelo dela caía para trás, acompanhando o vestido, e o pescoço comprido estava inclinado para a frente, como um animal a farejar o vento.

— Sentes isto? — perguntou o meu pai.

— Sim — respondi.

— Tem o espírito, não tem? — perguntou ele.

— Sim.

«Parece que era a tempestade que nos estava a caçar.» E depois de nos mudarmos para o Novo México, ele falava disto sempre que alguma coisa resultava e, também, quando não resultava.

Depois de um divórcio difícil e amargo, a guerra foi, finalmente, ganha e os filhos entregues à guarda do pai. Assim, o pai e os dois rapazes, um com doze anos, o outro um pouco mais velho, partem do Kansas em direção ao Novo México, com a esperança de recomeçar uma nova vida em conjunto: só os três, unidos por uma profunda lealdade.

Entretanto, os rapazes vão para a escola, jogam basquetebol, fazem amigos. O pai, por seu turno, fica em casa a fumar charutos baratos. Com o passar do tempo, aquilo que era apenas um comportamento excêntrico — o olhar fixo e vazio, os barulhos noturnos, a visita de figuras de natureza duvidosa — torna-se uma espiral violenta e errática que arrasta os dois rapazes para uma realidade feita de drogas, medo e solidão.

Oscilando entre a claustrofobia de uma família em ruínas e as falsas promessas de uma vida normal, *Um dos Nossos* é uma estreia literária brilhante e aclamada, «um retrato pungente e trágico tanto das alegrias como das limitações do amor», um livro que revela a face brutal do crescimento e da perda da inocência.

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-19-2



9 789898 864192

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT